



REVISTA Nº 58

Fevereiro/2020

Curta nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/ceamorepaz>

Psicologia e Espiritismo

Há muitas interações entre psiquiatras/psicólogos e o Espiritismo. Em artigos pontuais comentaremos essas situações muito elucidativas.

Neste caso, a paciente era médium e o seu mentor interferia de forma expressiva na sua conduta.

O autor do texto e terapeuta dessa paciente foi Maurício da Silva Neubern, que publicou o artigo em 2010.

“Sem guardar a pretensão de buscar explicar a experiência do sagrado, levanta-se aqui a possibilidade de estabelecer um diálogo sobre temas que, com frequência, permanecem em silêncio na relação terapêutica, malgrado sua importância na vida dos clientes, como a comunicação com o mundo espiritual, o impacto desses contatos, os seres com quem interage, as mensagens que são transmitidas”.

O terapeuta revela uma abertura positiva para o tema:

“... há a necessidade de um autoquestionamento por parte do psicoterapeuta, inclusive quando se depara com crenças diferentes das suas sobre a religião... notadamente quando em relação

ao paciente é necessário que ele mergulhe no cenário do outro, que se deixe invadir por ele, procurando compreendê-lo a partir das próprias perspectivas deste cenário.

M. é deprimida, tem compulsão homossexual e complexo de inferioridade, divorciada com uma filha de cinco anos e médium praticante num centro espírita, e interage com uma entidade chamada Frei Giuseppe, que ela considera seu “espírito protetor”.

Ele aparecia para M. desde a infância, em momentos difíceis ou prazerosos e sempre se colocava no papel de alguém que cuida, protege e aconselha. Através de suas intervenções em transe mediúnicos ou sonhos, M. pôde ter uma compreensão de suas vidas passadas, onde apareciam pessoas significativas do hoje e acontecimentos muito ligados para ela com a situação atual.

Apesar de não se manifestar com frequência, ele costumava lhe aparecer nos momentos mais cruciais e importantes, como em suas crises mediúnicas, seu casamento, formatura e nascimento da filha.

É possível considerar que Frei Giuseppe era uma figura superior, dentro de suas crenças espíritas, ligada profundamente à experiência do sagrado, e, ao mesmo tempo, alguém que desempenhava um papel paternal e de cuidado.

É perfeitamente possível que o psicoterapeuta sinta incômodos, crie preconceitos, rejeite seu cliente e se angustie na relação com ele, até mesmo porque sua formação, perpassada pela batalha histórica entre ciência e religião, nem sempre o prepara adequadamente para lidar com tais circunstâncias.

O problema não é o de ter ou não preconceitos, mas o de saber quais são e como eles podem ser utilizados para criar novas perguntas e manter o respeito e a consideração típicos do contexto de diálogo.

O terapeuta identifica os problemas de ordem psicológica de M. dessa forma:

A mediunidade lhe confere um poder diante da fragilidade da sua própria imagem, seu sentimento de inferioridade, agravado inclusive pela cor de sua pele, e seus problemas sexuais desde a infância se referiam a seu passado na França, onde havia desencaminhado sexualmente muitos jovens.

M. se sentia acolhida e protegida por essa força maior (espiritual) que parecia deixá-la numa esfera de onde poderia apreciar confortavelmente a pequenez dos problemas e preocupações cotidianos. Era possível conseguir contato com o sagrado apesar dos conflitos e da vergonha;

receber amparo e compreensão de seu mentor, e aprender a valorizar o que realmente merece ser valorizado: sua espiritualidade.

O terapeuta deve criar estratégias para que o paciente retorne a seu próprio universo (seus recursos subjetivos internos e sociais, suas práticas e crenças, sua rede social) e dali reconstrua suas configurações em sentido subjetivo.

O papel de orientador espiritual, de guia, de padre, pai-de-santo deve, portanto, ser assumido por alguém da rede social do cliente, de maneira que, caso seja necessário, o psicoterapeuta deve trabalhar para que ele encontre alguém que possa assumir esse papel.

O psicoterapeuta pode mergulhar no universo do sujeito e a partir daí utilizar seus recursos a favor do processo de mudança, tendo consciência de que é um agente estranho, ele sabe que entrará nesse mundo temporariamente e, com algumas ações pontuais, provocará mudanças na relação do sujeito com deuses, seres espirituais, poderes, crenças e outros atores sociais.

Ao mesmo tempo precisa reconhecer esses personagens e poderes, contatá-los, negociar com eles e, se possível, utilizar sua participação a favor da terapia.

Ele não pode prescrever a comunhão a um sujeito para que seja um bom católico, mas pode prescrevê-la como tarefa. Não pode propor a realizar uma desobsessão espírita em seu consultório, mas pode propor uma dramatização para que o próprio sujeito observe e represente como estão suas relações com os espíritos e com as pessoas da sua rede. Não deve pretender converter o sujeito a uma dada religião, mas pode, se existe alguma demanda, prescrever que busque conhecer alguma que dê sentido à sua vida.

O momento mais decisivo da psicoterapia de M. nasceu, efetivamente, de um impasse que vivia: ela não conseguia escolher uma das opções que eram, em si mesmas, incompatíveis com o seu sistema de crenças. Sua missão espiritual não poderia conviver com a desorganização de sua sexualidade compulsiva e com os sentidos de culpa, humilhação e vergonha que causavam.

O terapeuta percebeu que era o momento de utilizar suas experiências com o sagrado como uma alavanca poderosa de mudança, devido ao espaço privilegiado que ela ocupava na vida do paciente.

Disse-lhe que estava presa a um dilema com forças muito poderosas – a sexualidade e a espiritualidade – e que, por isso, precisaria de uma terapia de choque para que seu pedido pudesse ser atendido.

Submeteu-a a um transe hipnótico e lhe sugeriu que visse as pessoas importantes em sua vida e que com elas falasse o que sentia sobre seu conflito e o que propunha em termos de mudança.

Uma a uma surgiram figuras de sua rede de maior importância como seu pai, sua mãe, sua filha, o dirigente do centro e, por fim, Frei Giuseppe.

Diante de cada figura ela pôde cumprir com o procedimento de maneira que, diante de cada figura ela firmou o compromisso de levar avante sua missão espiritual e abandonar seus comportamentos sexuais compulsivos.

M., pela primeira vez, pôde assumir abertamente seus problemas de ordem sexual diante das pessoas significativas em sua vida e se comprometer com elas a adotar uma postura de vida mais condizente com o que, para ela, era certo.

Após esse episódio, M. pôs fim a seus “desatinos sexuais”, mas também continuou com seus problemas cotidianos quanto à sua família, sua menina e seu trabalho. Porém, o constante trabalho, por meio do auto hipnose, incentivado por sua psicoterapia, ou dos tranSES em seu centro espírita lhe supriam as condições para que pudesse lidar com seus problemas, com seu projeto espiritual de missão, bem como também abrir outras perspectivas do sentido de sua própria vida”.

E o autor conclui:

“Há circunstâncias e acontecimentos da experiência religiosa diante dos quais faltam palavras à ciência, seja devido à sua complexidade, seja por se tratar de uma alçada que não é o escopo desse ramo do saber.

É necessário um reconhecimento da experiência religiosa como um campo à parte, específico e com características próprias que, mesmo escapando ao alcance explicativo e racional, é um foco gerador de sentidos fundamentais na vida das pessoas.

À medida que o terapeuta se aprofunda no sistema de crenças e práticas sociais do sujeito, ele percebe que pode desencadear mudanças significativas por meio de uma diversidade de recursos que o sujeito já dispõe, mas talvez ainda não tenha criado condições para aproveitá-lo melhor ou atribuir-lhes outro valor.

Nesse caso, é importante que o terapeuta esteja imbuído da ideia de que ele não se torna o especialista daquela cultura particular, mas o provocador externo que não abre mão de manter sua proposta de psicoterapia”.

(grifos do editor)

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plinio J. Marafon
Jornalista – MTb nº 9.727/72

Diagramação:

Denise e Fabiano Soares da Silva

Mandem-nos artigos para publicarmos.

Opiniões sobre a revista e pedidos

para recebê-la via e-mail:

dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br